

LITERATURA NA PRINCESA DOS CAMPOS GERAIS

Vera Marilha Florenzano

É a indefinida, a tenra transparência que justifica a sugestão da poesia de Sigrid Lange Scherrer Renaux. Visão, pressentimento, anseio perfilam-se em distâncias íntimas, refletem-se em penumbras tênues, somem-se no silêncio pensativo dos enlevos. E é a distância própria do espírito, a sua penumbra, o seu silêncio palpitante e vibrátil; lá onde o mundo inesquecível da espontaneidade e da liberdade vai se delineando com carinho e tremor, com esperança e melancolia. Sábado, véspera da vida; quando prevalecem – sem dominar – a idealidade, a transfiguração, a impressão; quando a Nausica de Homero percebe em Ulisses o seu sonho e a Sílvia de Tasso, na límpida fonte que a reflete, tem a consciência da sua realidade.

Aqui, não o episódio, mas como que a configuração e o presságio de uma ausência querida, onde a natureza – como uma tela – se torna desabitada e só.

Tua sombra não mais o luar acompanha,
nem a aurora teus sonhos adormecidos veste,
e na praia as tuas pegadas as ondas apagaram.

Em outro poema, a luz e a noite parecem os termos de uma referência humana, de uma alternativa espiritual:

Eu quero dormir naquelas montanhas azuis,
lá longe, ter por travesseiro as estrelas brilhantes,
e a noite a envolver-me, infinita.

E o morrer? Essa aparição pálida e muda que não deixa de visitar a aurora da vida? O mundo e o céu – porque se sentiriam vácuos – parecem solidários:

Mas chegará o dia, eu sei,
em que as estrelas se transformarão em lágrimas
e lavarão a terra
e a noite ficará eternamente branca
quando eu não existir mais.

Um dos pontos verdadeiramente altos desta poesia é “Beleza”:

Beleza é distância.
São as primaveras mortas
e as que ainda não nasceram.
São nuvens, mares de ondas brancas
em praia azul.
São os silêncios verdes
nas ilhas do pensamento.
Ou o vôo longínquo de um pássaro
seguindo o sol.
Distância é beleza.

É aí sobretudo evidente o valor da palavra como “res”, como elemento concreto e distante de uma pureza meditativa e idílica, vivendo e inebriando-se de uma paisagem criada pelo sentimento, confirmada pela natureza.

Não há problemas. Não há, nem pode haver problemas e reações e protestos. É um mundo de espera, antes das coisas. Porisso, até aqui, essa linguagem delicada e aérea de sinais e de desenhos límpidos e tênues onde a transparência é sinceridade e a luz é o calor íntimo de uma geometria emotiva.

-Mas, qual não é a grata surpresa que outros poemas nos trazem, onde a técnica e o tema revelam compreensões novas, interesses profundos, interrogações, insatisfações, conclusões de uma meditação mais grave? Ainda aqui, o ritmo conserva a sua vívida simplicidade. É ainda o solilóquio de um espírito que se vai fazendo. A cultura, a reminiscência literária, o aval alheio, a genericidade também não ousam turvar o pudor e a autenticidade de um empenho consciente, de uma personalidade que só conhece a sinceridade e a honestidade da primeira pessoa: meu, tenho, galgo, minha mão, eu. Assim, “Marítimo” é já uma seqüência de constatações inelutáveis, insistentes, insidiosas: conclusões colocadas lá, como dado de fato. E o espírito, as-

sustado e descorado, a lançar suas apelações até quando, embora sobre a areia, vislumbra a miragem de uma esperança:

Peixes submersos no espaço.
 E meus sonhos?
 Barcos destroçados nos montes marítimos.
 E a minha ilha?
 Risos gravados nas ondas sonoras.
 E minha juventude?
 Rochedos rolados nas marés douradas.
 E meus ideais?
 Mas a fênix austral brilha sobre a areia.

E este sentido cósmico, assim fatalmente peremptório e aceito que nos dá o poema “Abstrato”? Lembranças incôscias, certezas dedutivas!

Nos abismos hiantes da memória
 voluteiam líridos fantasmas:
 lembranças não invisas
 de outras eras.

No poema seguinte, a ternura familiar para com a terra de nossa existência se expande com o sabor de uma tentação superada, com o carinho de uma declaração afetiva. Miragens e fábulas de eterna felicidade, mundos abstratos (que Debussy colocava longínquos e submersos), Éden, Arcádia, que a imaginação supõe, mas que não convencem definitivamente e não valem a “aldeia” contingente e real do nosso sonho, da nossa ação, da nossa dor quotidiana. Quase se aceitaria, mas o coração volta saudoso e fiel:

Tenho visões de catedrais distantes,
 de lagos profundos entre montanhas brancas,
 e de cidades eternas.
 Mas subitamente atravesso o riacho
 e galgo às pressas minha colina de verão
 ao ouvir o badalar dos sinos
 de minha pequena aldeia.

Aqui, uma pausa: a conclusão de uma jornada. O epílogo que se confunde com o novo prólogo. Há já um passado e um futuro que o presente constata e determina. Um senso então, de relatividade, apesar de tudo; um balanço que não desestima, ainda que evitando a euforia; a consciência, enfim, que a vida tem outras experiências, outras aventuras, outras responsabilidades que o drama de cada um não deixa de querer, de provocar, de consumir, vivendo-as como alegria e tempestade.

Peguei o pôr-do-sol das conchas
em minha mão;
pétalas do mar e da areia,
cristais de areia.
Peguei pérolas,
pequenos mistérios das conchas do mar.
Mas ainda não cheguei nas praias submarinas
Por onde as ondas passaram.

É esta a poesia atual de Sigrid Lange: uma poesia que, cada vez mais, adquire sugestões e significados através de uma alegoria que é própria das coisas; através de um simbolismo sem arbitrariedade, sem esforço.

*

A uma realidade ininterrupta e agressiva, sem espaço de aventura em sua contingência convulsa, sem brilho e sem folga em seu tecido sucessivo e compacto, Álvaro Augusto Cunha Rocha resiste com a “réplica” de sua poesia. E é palavra de evasão e de encontro, de fôlego e de enleio, de nostalgia e de propósito. Como um dique martelado contra a ameaça opaca e invadente; abrigo e suporte de quem algo perdeu, mas não renuncia, e fica como que à espera: observando, denunciando, lançando – vez por outra a prudente esperança e a pálida certeza de uma possibilidade, de uma vinda, ainda que não de um retorno.

Se o presente, justamente porque presente, logra as instâncias, ele é que, então leva o poeta para a intimidade e a solidão, buscando aí sentido, carinho, repouso. Repouso e energia. Socorre assim o passado, que é o ponto em que o presente se nos torna humano e saudoso, digno de referência, de evocação, de apego, como acontecimento que foi, como acontecimento que não é mais, e não se repete: malogro de uma parte de nós.

A presença do passado, pois, contra a presença do presente: aquela, como autenticidade emotiva; esta como fatalidade insatisfatória. E o confronto alma – realidade, aspiração – contradição; com o pesar pela incompreensão; e a insistência sem renúncia. Assim, quer a sua poesia ser a revelação de uma interioridade que não se pode abjurar. É o sinal de um enlevo que ainda nos empenha e seduz. É tentativa, às vezes, estremecida e inútil de uma desculpa por não poder aceitar, por não querer mergulhar. Nada mais, e também nada menos: por uma questão, sobretudo, de honra, de respeito, de apego humano. Como perdido numa realidade que, por certo, não empolga, e que, entretanto, não elimina o patrimônio de idealidades e de intuições que a inocência sonha e acaricia solicitando, o poeta pronuncia a sua prece: que se lhe dê um lugar, que se lhe reconheça o seu no diálogo e no monólogo. Não o direito, mas a honesta afirmação que também existimos.

Retirando-a do presente despido e lúcido:

e o resto é noite.
Noite, só.

a eloquência se coloca então no passado; e o ilumina, e o multiplica, e o suspende numa altura sem mais alcance:

Não precisou nem noite de São João
para que eu o soltasse. Bastou a minha infância,
nas asas da qual ele subiu alto, alto.
tão alto que se pendurou numa estrela.

Aliás, é essa a condição:

buscando

...sempre, um remédio
na mesma obstinada
esperança
de um tempo em simples tempo exaurido.
E mil vezes, assim, ter nascido;

ferindo-se

...contra o inesperado
gesto vil, urbano, sem sentido.
E mil vezes, assim, ter morrido;

descobrimo

...sempre, no vasto espaço,

que algum vago amor está crescendo.

E mil vidas, assim, ir vivendo.

E se “Balão” é a sublimação afetiva de um tempo “exaurido”, se “Condição” é atuante obstinação entre surpresas e constatações irremediáveis, “Cidade Marítima” é o poema em que improvisamente descem as luzes, e a existência parece “calcinar-se” numa sobrevivência sem motivo e sem esperança, concluída e inconcludente:

Do sonho, longamente
ressentido, parto
E cumpro o destino
Circular da incosequência.

Um ponto final sem “depois”? É sempre possível ao espírito renascer e recomeçar. O seu destino é eterno “prelúdio”:

A terra, o pão, as sementeiras,
a água das madrugadas,
o imenso amor dos homens e mulheres verdadeiros
- límpidas fontes da árvore da vida
estuante e difusa – clamam.
Que teu arco se faça pura lâmina
na carne, e que o sangue mais íntimo,
incontaminado e recôndito,
jorre e cresça no desagravo do poema.

É um augúrio, como se vê, o augúrio da persistência, de uma réplica dentro da vida, embora com aquela prudência, com aquela disposição da consciência que não aceita mais a confiança fácil e não se deixa tentar pela euforia.

O augúrio de quem, após a “nausée”, apesar de tudo, retoma, decidido e disposto, a sua “crux” e se encaminha pelos eternos andaimes da vida.

Poesia que se caracteriza pela precisão, pela nitidez de uma inteligência que se controla e se precavê. Poesia que, por uma exigência de coerência interior, não faz concessão e se coloca, vítrea e responsável, num plano precioso elaborado de desenho íntimo, de inspiração custosa e acariciada, mas não gratuita. A generosidade, o abandono, a espontaneidade da transfiguração parecem ainda prematuros e inoportunos numa disposição prevalentemente preocupada com a introspecção autobiográfica, com a procura da palavra e com o seu valor de propriedade e de língua. Escritor, antes de mais nada.

Sensibilidade delicada, gentil, circunspeta, onde a mensagem se manifesta na identificação com a honestidade do artesão que apura com escrupulo e que aí encontra parte da solução e do conforto. Entretanto, é poesia que cresce, tornando, a cada momento, mais humano e autêntico o seu “travo de sal”.

*

...Em Edipo Ribas a poesia quer ser a conclusão e a apoteose de uma experiência.

...A dúvida, o amor, o carinho, a paixão, o pundonor são sentimentos e atitudes que – de imediato – na poesia se tornam épicos, transfigurados por uma solidariedade de cavalheiro e de trovador: sentindo, crendo, empenhando-se humanamente naquilo que diz. Poeta da sensação improvisa, vária, contraditória, revivida sempre numa tonalidade maior. Há nele uma atmosfera longínqua e profunda de austeridade e de afirmação, e a delicadeza e a dignidade de uma homenagem. Sempre, essa força magnífica que prorrompe. A poesia é a dádiva descontínua e sincera da sua comoção, a forma atuante de uma gratidão. Conseqüentemente, o seu dicionário é baseado na eloqüência do período, no respiro de uma estrofe, no conjunto do poema. Não é a palavra por si, mas a frase; e o seu ritmo, a sua disposição:

Com este amor de altos destinos
como longínquo vôo de pássaros de fogo,

rubras como ígneos pensamentos de amor,
rumo ao transcendente roteiro das auroras.

E os singulos termos querem ser pausas e concentrações intensas e apaixonadas de cor fogo aurora, morrendo amargo, morrendo quente, grandíloquos versos, madrugadas ternuras.

Isso explica “Súplica”, onde não precisamente a volúpia e o senso ditam as expressões, mas as expressões recorrem ao senso e à volúpia para declarar, evidenciar, convencer. Labaredas de ardência emotiva e galharda.

Sobretudo em sua primeira parte, “Reflexão” é um “ex-abrupto” impetuoso e apaixonado de crise, onde a meditação improvisa se faz angústia à busca de uma resposta, abertura, sem reticência, de um drama, interrogação que procura convencer-se:

... .. E esta ânsia de infinito?
E a alvorada de um sexto sentido
que lhe inclina a ver a vida de outro ponto

É alvorada e programa:

A necessidade compulsória de ser bom,
tolerante, compreensivo com os que sofrem
mágoas e desenganos,
frustrações e injustiças.

É essa generosidade, essa nobreza de sentir, essa impressão imediata que se deixa apreciar, que revela uma personalidade com suas inquietações e suas dúvidas e seus idealismos.

Um de seus mais altos poemas chega ao indefinido da transfiguração: como se a escultura cedesse o lugar à pintura, e a realidade ao sonho. Não é a presença, mas um anseio como que visitante a eliminar a distância, a restabelecer a unidade conservando a solidão:

Não te perturbes, querida,
pois é minha alma de poeta que te visita.....

Momento gentil, sem pausa do primeiro ao último verso; como um andar de melancolia, como um sopro de carinho.

“Chiru Mena” é uma concessão, um exercício de simpatia. Mas, também nesta estampa gaúcha, os “olhos andarengos”, “as tristezas gaudérias”, a saudade da “querência” procuram a interioridade do vingador de Sílvia.

É deste fundo sadio e independente que se despreendem melancolias, insatisfações, anseios, amor. E a poesia é o seu momento solene e pessoal de gala e de rigor.

*Bruno Enei*¹

¹ ENEI, Bruno. Literatura na Princesa dos Campos Gerais. In: Jornal da Manhã. Ponta Grossa, 5 jul. 1959. Terceiro caderno.

